

Para Delfim, solução só virá com remédio amargo

30 JAN 1987

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O ex-ministro do Planejamento e agora deputado federal, Antonio Delfim Netto, que marcou, ontem, sua estréia como membro do Congresso, considera que o governo está muito longe do ajuste econômico pretendido, identificando um conflito entre a retórica oficial e a realidade do País.

Delfim entende que, com o passar do tempo, a tendência é o aprofundamento dessa divergência, exigindo remédios bem mais amargos no momento em que for necessário fazer o ajuste. Para o ex-ministro, e agora líder natural do PDS para assuntos econômicos, como o PMDB ainda não desceu do palanque, aparentemente não se apercebeu da gravidade da situação econômica do país, e ingenuamente tenha fórmulas cosméticas que ao invés de sanar, apenas agravam cada vez mais a situação.

IMOBILISMO

Na visão de Delfim Netto, o immobilismo que tomou conta do governo é uma indicação de que as alternativas disponíveis para a correção dos rumos da economia passam, obrigatoriamente, por remédios amargos, os quais, no entanto, são rejeitados pelos economistas do PMDB, que empolgaram a direção dos assuntos econômicos.

Delfim, que confessa ter cometido sozinho seus próprios erros no passado, não se anima a dar sugestões e oferecer saídas para a crise atual, pois entende que há, entre os que ocupam postos de comando na economia, alguns têm consciência do que deve ser feito, embora não tenha espaço sequer para expor suas idéias, por falta de ambiente.



1-12-86
"PMDB não desceu do palanque"

IRRESPONSABILIDADE

O ministro considera válidas as tentativas de pacto ou trégua que o governo pretende articular com empresários e trabalhadores, mas observa que o Estado quer assumir a posição cômoda de administrador dos conflitos, sem oferecer a sua própria contribuição, expressa na redução de suas despesas.

Para Delfim, é inegável que o déficit público, que está em expansão, explica uma parcela da reativação inflacionária, ao lado das consequências do que ele considera de política irresponsável de um congelamento ad eternum que acabou provocando uma inflação corretiva.

Todavia, ao negar-se a agir para a redução do "déficit", o governo assume o papel de quem propõe a repartição de um frango entre três parceiros, mas antecipadamente reserva para si o peito, distribuindo os ossos e as peles com os restantes.